



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A MATERNIDADE MASCULINA EM *FRANKENSTEIN*: INVERSÃO DE VALORES EM UMA CRÍTICA AO PATRIARCADO

Autora (Janile Pequeno Soares); Coautora (Ana Ximenes Gomes de Oliveira)

Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal da Paraíba; janilesoares_soares@yahoo.com;
ximenes06@gmail.com.

Resumo

Publicado em 1818 pela primeira vez, causando grande comoção entre os intelectuais da época, o romance *Frankenstein* da escritora inglesa Mary Shelley, tem sido constantemente objeto de diversas análises devido ao seu conteúdo inovador e polêmico sobre os perigos da ciência, como também por representar uma virada no estilo gótico de romances escrito por mulheres ao deixar de lado, em seu enredo, temas ligados a maldições de família, fantasmas do passado que aparecem no presente para assombrar e punir, como havia se especializado a tradição gótica, passando a focalizar nos dramas psicológicos de seus personagens e condição enquanto seres que constituem uma sociedade. A Criatura de Victor Frankenstein é trazida ao mundo através de suas mãos e em um ato de repulsa e egoísmo a abandona à sua própria sorte, ele enquanto homem, não compreende a responsabilidade de ser progenitor, que é o grande caso das mulheres e invadir esse espaço é invadir não somente o universo da mulher, mas ela mesma em essência. Assim, este trabalho tem por objetivo analisar a história de Victor Frankenstein e a concepção de sua Criatura, sob o olhar da crítica feminista, mostrando como a ousadia e atitude de Victor é uma crítica ao universo masculino subvertendo os valores naturais ao colocar a geração de um ser (a Criatura), nas ‘mãos’ de um homem (Victor Frankenstein), desse modo, expondo e apresentando à sociedade patriarcal, da qual o romance é produto, a violação, pelo homem, de um território reservado ao feminino genuinamente: a maternidade.

Palavras - chave: *Frankenstein*, mulher, invasão, maternidade.

INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

Foi no século XIX que ocorreu a disseminação do pensamento feminista, surgido da necessidade em discutir os espaços e papéis destinados à mulher ao longo da história das sociedades e na tentativa de desmascarar o absolutismo masculino sob os direitos da mulher. Todavia, é no século XX, e mais precisamente na década de 1970, que os movimentos feministas intensificaram-se na Inglaterra, Estados Unidos e França como referenciais de análise ou subsídios históricos para as teorias críticas feministas no sentido de emergente contribuição para fundamentar e comprovar algumas das hipóteses levantadas acerca da experiência da mulher enquanto leitora, escritora, teórica e representação ficcional.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

As teorias críticas feministas tiveram descobertas muito importantes como, a constatação de que, enquanto detentores do poder na escala social, os homens dissiparam a voz da mulher, seus espaços e até mesmo o modo como elas pensavam era subjugado por eles e passível de castigo no caso de alguma subjugada tencionar inverter os “valores” por eles impostos.

Nestes termos, o romance *Frankenstein* da escritora Mary Shelley aparece causando demasiada comoção no meio literário com seu conteúdo controverso envolvendo ciência com relações sociais denunciando as frequentes incoerências das relações da sociedade da qual é produto. A relação entre Victor Frankenstein e o ser que este cria levanta, dentre outros tópicos, a discussão sobre a invasão dos espaços femininos. Como obra de arte, o romance de Shelley se destaca quando expõe as fraquezas e egocentricidades masculinas (o desejo insano de Victor) invadindo um território reservado ao feminino genuinamente (o nascimento de um ser), algo que nenhuma mulher tinha escrito, até então.

Encontramos aqui uma inversão de valores quando o homem é criticado por uma mulher: a tradição hegemônica, que perpetuou papéis negativos à mulher como o de sedutora, perigosa, imoral, megera, impotente, indefesa, é exposta à sua sociedade atuando seu próprio papel (o de invasor) para criticá-lo, demarcando sua indecência e imoralidade, agora com consequências (o destino terrível de Victor), pois a mulher não está mais silenciada e o homem não está mais na posição de agir deliberadamente em relação aos valores e espaços femininos sem sofrer os devidos danos.

No objetivo de expor as consequências da necessidade de dominação masculina na obra em estudo, a análise do romance foi feita atrelada à literatura pertinente, constituindo nestes termos em uma pesquisa bibliográfica para fundamentar os argumentos aqui defendidos, na intencionalidade de contribuir para a discussão do tema em meios acadêmicos e sociais.

Breve abordagem sobre a teoria feminista

A crítica feminista se tornou uma vertente literária que assumiu o papel de questionadora do exercício canônico patriarcal, está grandemente comprometida com a mudança dos conceitos de



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mundo, valores e juízos criados pelos homens. Durante muito tempo apenas os homens tinham o direito de escrever e publicar suas ideias e pensamentos, colocando para o mundo os valores, costumes e ideologias de sua época vistas sob o seu único e fechado ponto de vista, devendo ser interpretado como verdadeiro absoluto.

Segundo Perry (1993) dentre outros, quatro fatores contribuíram para que o desenvolvimento do criticismo literário feminista acontecesse primordialmente nos Estados Unidos: uma consciência feminista mais acentuada, avivada pelo movimento de mulheres; desencanto com as metodologias críticas existentes; o reconhecimento crescente do sexismo inerente tanto ao processo de canonização, como aos trabalhos consagrados pelo cânon; o amor pelos trabalhos das escritoras mulheres e identificação com os mesmos.

É importante pontuar que havia necessidades individuais envolvidas no movimento das mulheres, mas todas estavam engajadas no senso comum de ajudar a formar e de pertencer a uma comunidade de leitoras e escritoras cujos trabalhos baseavam-se em suas experiências comuns como mulheres sob a repressão do patriarcado. Inicialmente esses trabalhos eram originados das experiências de mulheres brancas, heterossexuais, de classe média, por talvez, deterem um acesso mais 'livre' à cultura dos livros e escrituras. A base do movimento, focado nas experiências e exclusões das mulheres e o subsequente questionamento dos valores e ordens estabelecidas, serviu como propulsor para o reexame de todas as instituições patriarcais também na política, artes e psicologia. Ensinou as mulheres a se unirem na busca de apoio e legitimação, formando grupos de conscientização que propiciaram um senso maior de comunidade substituindo o paradigma homem-consciente/mulher-inerente a.

Considerando os três momentos cruciais que formaram a história da busca das mulheres de legitimação, ou o que Elaine Showalter (1977) chamou de *feminine*, *feminist* e *female*, destacamos aqui apenas o terceiro momento, por motivos didáticos, que se caracteriza como a fase de auto-descoberta, a busca por identidade. A necessidade da escritora em encontrar a si mesma enquanto fonte de inspiração para as suas próprias estruturas, dinâmicas, padrões. Nesse momento a mulher quer ainda mais distanciar-se da tradição masculina de escrita para encontrar a sua própria escrita, surgida principalmente da ideia de que assim como as mulheres leem diferentemente dos homens,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

elas também escrevem e expressam talvez os mesmos assuntos, de modos diferentes. Até então, as mulheres escreviam como os homens sobre suas experiências ou sobre como os homens subjugaram as mulheres durante tanto tempo na forma como as representavam em suas obras, então as mulheres se apropriavam das obras masculinas para criticá-las; nesse terceiro momento, no entanto, as mulheres buscaram a sua originalidade, por sentir que a abordagem distante, autoritária, cheia de juízos, objetiva, separava o crítico tanto do autor como dos leitores. Passaram a almejar outra abordagem, mais subjetiva e empática, que lhes permitissem escrever numa linguagem mais pessoal, se formava a nova tradição da crítica feminista que teve várias outras abordagens. É nessa abordagem que encontramos espaço para analisar o romance em questão, mesmo sendo ele bem anterior a essas abordagens, assim, reconhecemos como foi precursor e sua escritora corajosa.

A crítica feminista se constitui ainda em nossos dias como uma forte arma contra toda e qualquer forma de discriminação, pois que mulheres (e homens) pertencem a outros grupos emudecidos se forem pobres, de cor ou homossexuais, por exemplo. A crítica feminista como é entendida hoje se articula em comunhão com outras esferas (análises colonial e pós-colonial, por exemplo) em busca de um objetivo básico: analisar e contestar a estrutura patriarcal da sociedade, por meio de análise da constituição dos gêneros e da opressão de um gênero sobre outro.

Temas como maternidade, mulher, feminilidade, reprodução, feminino e até mesmo o masculino (enquanto arquétipos) estão presentes nas problematizações históricas deste tipo de crítica. O questionamento da relação entre natureza e condição de maternar deve ser cuidadosamente trabalhado para que essa condição “natural” não se torne imposta, o que conseqüentemente exclui as posições de negação a este ato (posição esta que também pode ser configurada como “natural” numa visão crítica).

Assim, a negação está para o patriarcado naturalizada, quando advinda do paterno, entretanto, para o materno este ato reflete em reações de repulsas e repressões, mesmo que de formas ocultas dentro do convívio social. Tal negação não precisa se configurar apenas ao próprio ato de gerar e cuidar dos filhos, mas também qualquer tipo de externalização física ou psicológica momentânea, como um desejo de privilegiar o feminino como “mulher” antes do feminino como “mãe”, mesmo que neste momento haja a certeza que nenhum cuidado com o filho estará sendo negligenciado. Esta



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

pressão da sociedade inclui tanto o feminino como o masculino no campo da reprodução dos valores patriarcais sobre a mulher.

Análise dos conceitos operatórios: alteridade, patriarcalismo e desconstrução em *Frankenstein*

A crítica feminista se utiliza de alguns conceitos operatórios para fundamentar e ampliar a transformação da condição de subjugada da mulher no meio literário e social. Utiliza termos como os citados no título dessa seção para agrupar ideologias ou nomear comportamentos/valores vistos sob a ótica da crítica feminista. Na obra de Mary Shelley encontra-se a atmosfera de três dos conceitos operatórios da crítica e que são fundamentais para a compreensão da análise sugerida neste trabalho.

O termo *alteridade* talvez o mais importante para a compreensão dos objetivos deste artigo, segundo Zolin (2005) se constitui em oposição ao termo identidade; é entendido como sinônimo de coisa objetiva e de identidade em falta, trazendo para o entendimento da crítica feminista, a identidade é o núcleo, o papel exercido pelo homem em sociedade, aquele que tem voz e age segundo sua vontade, já a alteridade é a exterioridade, o estranho, uma negativa do indivíduo, aquele que não tem voz, aquele que não “é”. A criatura de Victor Frankenstein após sua composição, trazida à vida através de corpos sem vida, é imediatamente rejeitada pelo seu criador a ponto de não lhe dar tempo sequer de nomeá-lo; não recebe os primeiros cuidados de seu ‘pai’ e é esconrado, jogado à mercê da sociedade, sem espaço, sem nome, sem precedentes, sem família.

O trauma de Victor em conceber um ser monstruoso em aparência não é maior do que o trauma destinado à criatura desde os primeiros minutos de vida, de não ter tido o direito de fazer-se compreender, de mostrar suas intencionalidades, de entender quem ele mesmo era e o que representava no mundo, se configurando como a alteridade da sociedade de um modo geral, primeiro por não se enquadrar nos padrões físicos ‘comuns’, depois, por esta primeira impressão, não poder ser a criatura cheia de boas vontades e coração tenro que era até conhecer a rejeição do seu criador e de toda a sociedade. Como aponta Ferreira & Hamlin (2010):



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Como mulher, negro ou monstro, o outro é aquilo que em princípio não deve circular, mas também aquilo que não pode deixar de circular, sob pena de privar o discurso civilizador da oposição que o funda: em sua feiura, desproporção, desordem, o monstro é o outro do civilizado. A estruturação de um discurso civilizador se opera no concreto dos corpos e nos caminhos traçados para a sua circulação. Civilizar significa como os corpos devem trafegar e indicar esses caminhos – e por esse caminho o discurso civilizador não pode deixar de ser ambíguo, revelando um ocultamento fundamental; a possibilidade do retorno do olhar da natureza, da mulher, do negro, do monstro. (p. 815 – 816).

Victor faz de sua criatura o “estranho”, o marginalizado, sem identidade, com seus direitos aprisionados em uma órbita preconceituosa e dominadora e a consciência deste fato, depois do caminho que percorre para tentar achar a si mesmo e sua história, faz com que a Criatura se transforme irremediavelmente.

O termo “patriarcalismo” é um conceito chave no universo da crítica feminista, que segundo Zolin (2005):

É utilizado para designar uma espécie de organização familiar originária dos povos antigos, na qual toda instituição social concentrava-se na figura de um chefe, o patriarca, cuja autoridade era preponderante e incontestável. Esse conceito tem permeado a maioria das discussões, travadas no contexto do pensamento feminista, que envolvem a questão da opressão da mulher ao longo de sua história (p. 183).

Essa sociedade patriarcal que entende que somente o que o “chefe” organiza, pensa e deseja é o ideal e que os demais devem ser postos à margem, é a sociedade que Shelley critica na história de Victor Frankenstein. O homem em sua ânsia de poder não se importa com o direcionamento que suas ações e decisões podem tomar tanto para si quanto para os que são atingidos por elas, no caso de Victor, o cientista que decide incontestavelmente ‘gerar’ um novo ser a qualquer custo sem pensar nas consequências que essa atitude acarretaria para sua vida, para a vida daqueles que o amam, bem como para a vida deste próprio ser, representa a violação mais uma vez e de um espaço destinado à mulher pela ordem da natureza divina que o homem não poderia usurpar, esconder, dominar, e mais uma vez ele consegue, mas dessa vez sua atitude insana e egoísta não fica impune



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

por se tratar do “chefe”, depois de concluído seu objetivo terrível e invasivo o cientista percebe o grandioso terror que aquilo representa, e não entenda-se com isso que nos referimos à criatura, posto que esta não pediu para “nascer”, o terror está na própria ideia/atitude em si mesma.

Esta a forma que Shelley encontra para expor à sociedade patriarcal sua própria ignomínia para ser analisada e as consequências delas ao personagem para servir como exemplo de que com as mulheres desnudadas da alteridade as atitudes de dominação/violação não são mais impunes, tampouco escondidas do mundo.

O último termo “desconstrução” é utilizado para designar uma ideia valiosa para os estudos de gêneros, segundo Zolin (2005) trata-se de apoiar a convicção de que oposições tais como homem x mulher; corpo x mente; dominador x dominado; forte x fraco não são absolutamente naturais, nem inevitáveis, mas construções ideológicas que podem ser desconstruídas, ou seja, submetidas a estrutura e funcionamento diferentes. Quando Shelley, enquanto mulher expõe as egocentricidades masculinas metaforizadas pelas atitudes egoístas do personagem Victor em seu romance.

Ela mesma está se pondo em um lugar nunca antes imaginado e por que não dizer, permitido, em uma sociedade dominada e liderada pelo poder exercido pelo patriarcado nas opiniões e posturas da sociedade, colocando o homem (o cientista Victor) como fraco, imoral, inconsequente, destituído de razão, ela está duplamente desconstruindo ideologias sacramentadas ao longo da história das sociedades: a de que a mulher é o demônio, a sem voz por ser livre de consistência psíquica e a de que somente os homens podem escrever e publicar histórias consistentes, cheias de significações úteis à sociedade de um modo geral.

***Frankenstein* como crítica ao universo masculino**

A história de Mary Shelley inicia quando em meio a uma obcecada tentativa de chegar às regiões polares o capitão Robert Walton encontra o moribundo estudante de medicina Victor Frankenstein. Este lhe conta sua trajetória, desde a infância e adolescência sempre pautada pela obsessão sobre os mistérios da natureza e principalmente o segredo da vida e da morte. Levado pela



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sede de conhecimento e pela excitação dos estudos em História Natural ligados à fisiologia o então cientista, decide dar vida à matéria inerte: “após dias e dias de incríveis trabalhos e fadigas, consegui descobrir a causa da criação e da vida; mais ainda, tornei-me capaz de conferir vida à matéria morta” (SHELLEY, 2007, p. 55). Então, com partes e pedaços de corpos de diferentes procedências, retirados de salas de dissecação e matadouro, o cientista monta e costura um indivíduo para dar-lhe vida. Com a vaidade de ser responsável por uma nova criação a qual somente ele seria o detentor do conhecimento para tal empreitada, como se pode observar em uma de suas falas antes de alcançar seu objetivo:

Uma nova espécie me abençoaria como seu criador e sua origem; muitas criaturas felizes e excelentes passariam a dever a sua existência a mim. Nenhum pai podia reclamar a gratidão de um filho tão completamente quanto eu a daquelas criaturas. (SHELLEY, 2007, p. 57).

Esse tom de superioridade e preponderância de Victor é a marca de que o homem necessita estar em um grau de superioridade acima de todas as outras espécies apenas para sentir-se um pouco mais vivo. Diz que uma nova espécie feliz e excelente o abençoaria, em uma afirmação egocêntrica de julgamento da realidade alheia, como se apenas o fato de ter nascido por suas mãos faria da Criatura um ser engajado e feliz. Logo após o ‘nascimento’, ele abandona sua prole como um sinal de covardia diante da responsabilidade de ter gerado um ser que não se encaixa em seus próprios padrões, Victor não se importou em criar seres, mas em criar bajuladores, invadindo um espaço que não estava preparado para entender as consequências e responsabilidades. “A maternidade é o grande caso das mulheres” diz Perrot (2008, p. 68), que para elas é uma fonte de identidade, o fundamento da diferença reconhecida, mesmo quando não é vivida. Invadir esse espaço é invadir não somente o universo da mulher, mas ela mesma em essência.

A descoberta de Victor o levou a um estado de êxtase e deleite tão fortes que todos os passos que ele tomara até ali foram esquecidos e todas as pessoas ao seu redor pareciam menores diante dele e de sua sede de conhecimento, e agora, com a certeza do sucesso de sua empreitada lhe fizeram esquecer-se da realidade, o desprenderam da razão:



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Quem poderia imaginar os horrores de meus trabalhos secretos, enquanto eu profanava sepulturas frescas ou torturava animais vivos para animar o barro sem vida? Ao me lembrar disso agora, meus membros tremem e meus olhos se enchem de d'água; mas naquela época um impulso irresistível e quase frenético me impelia para a frente. Parecia que eu havia perdido toda a sensibilidade de espírito e não me preocupava senão com o meu trabalho. (SHELLEY, p. 58).

Depois de conceber a sua criação, Victor percebe o peso de dar vida a algo ainda incompreensível; pare ele, lidar com o que não lhe é confortável por direito lhe causou náuseas e a decepção de não saber o que fazer agora com sua 'prole', lhe causou um horror sem precedentes, então ele foge e abandona a criatura recém nascida, mas em proporções ainda maiores do que as de um homem adulto, que permanece sem nome. Este é o ponto que concordando com Moers (1977) é o mais poderoso e feminino do livro de Shelley, porque expõe o homem em sua própria fraqueza e insanidade, atua seu papel de invasor e compreende que não pertence àquele território, tão bem estruturado que o personagem entra em desespero só pela ideia de ter feito algo tão assustador.

O que se segue é uma série de fatos que aterrorizam a vida da inocente criatura que abandonada por aquele que deveria lhe instruir no mundo, é igualmente rejeitada por todos em qualquer lugar que vá. Esconde-se da barbárie humana e chega a uma floresta onde aprende a se comunicar e a ler observando a distancia uma família que mora ali e após ser desprezada ao tentar entrar em contato com a família, a criatura jura vingança ao seu criador.

Neste momento se inicia a transformação da criatura, que de naturalmente bom se enche de ódio e desejo de vingança por ter sido jogado à mercê das relações sociais e onde começa o castigo de Victor por invadir o único espaço reservado à mulher que o homem não poderia tomar. A criatura mata seu irmão caçula, incrimina sua criada, mata seu melhor amigo e sua noiva Elizabeth. Destrói a vida de se criador assim como este destruiu a sua quando o criou e o abandonou sem escrúpulos e compreende as motivações de seus atos depois de ouvir toda a história que a criatura lhe contara depois de seu abandono: "Também pela primeira vez eu sentia quais os deveres de um criador para com sua criatura, e que deveria fazê-la feliz antes de condená-la pela sua maldade" (SHELLEY, p. 109).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

As terríveis consequências de seus atos deliberados metaforizam uma problemática de desconstrução quando temos o homem pagando o preço de suas egocentricidades invasivas e que em alguns momentos e neste caso em específico, preconizam a irracionalização masculina diante do universo com a voz feminina expondo suas fraquezas e intencionalidades assombrosas. No final da narrativa, Frankenstein passa adiante a consciência advinda da experiência de seus atos ao capitão Walton, outro homem que procura alcançar objetivos de vida invadindo as leis da natureza, pois desejava a todo custo atravessar as regiões polares, mesmo estando a ponto de ser esmagado pelas montanhas de gelo e aconselha:

Aprenda comigo, se não pelos meus ensinamentos, ao menos pelo meu exemplo, como é perigoso adquirir saber, e quão mais feliz é o homem que acredita ser a sua cidade natal o mundo, do que aquele que aspira a tornar-se maior do que a sua natureza permite. (SHELLEY, p. 56)

CONCLUSÕES

As discussões e análises feitas neste trabalho demonstraram que o romance *Frankenstein* da escritora inglesa Mary Shelley se configura no cenário da literatura feminina gótica como sua maior expressão, por primeiro, representar uma virada no estilo temático do gênero gótico de horror quando deixa de lado a centralização do enredo em caracterizações de castelos assombrados, países distantes, o sobrenatural, as maldições de família e o espiritual para dar espaço aos conflitos psicológicos e/ou sociais de seus personagens.

Explorar as interioridades humanas, expondo seus medos, desejos, receios, comportamentos, mostrando que o horror não está tão longe, mas dentro dos corações humanos e suas atitudes são os verdadeiros monstros que aterrorizam a sociedade. Segundo, por possibilitar a leitura que toma a desconstrução e inversão de valores ao colocar um homem invadindo um território reservado ao feminino genuinamente, assim exposto, critica as atitudes invasivas que foram perpetuadas pela tradição masculina tanto no convívio social quanto na literatura, o cientista Victor é punido por inverter os papéis naturais da criação instituídos pelo divino, invadindo um território que não o



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

perence. Tal punição para mostrar que o homem não pode mais agir deliberadamente em relações aos espaços e direitos femininos.

Com esta discussão sugerimos que o leitor, escritor ou amante dos estudos de natureza feminina, feminista, dissipe argumentos e posicionamentos nos meios acadêmicos sobre os temas aqui explorados no objetivo de aumentar ainda mais a força do desnudamento da alteridade feminina para que este nunca mais seja um campo marginalização ou escondido e esperamos que este trabalho assim exposto participe do ambiente destas discussões como mais uma arma de posicionamento positivo no que se refere aos objetivos deste meio de estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CLERY, E. J. The genesis of “Gothic” fiction. In: HOGLE, Jerrold E. **The Cambridge companion to gothic fiction**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2002.

FERREIRA, Jonatas e HAMLIN, Cynthia. **Mulheres, negros e outros monstros: um ensaio sobre corpos não civilizados**. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 18 n. 3, p. 811-836, set-dez. 2010.

FLORESCU, Radu. **Em busca de Frankenstein: o monstro de Mary Shelley e seus mitos**. Tradução de Luiz Carlos Lisboa São Paulo: Mercuryo, 1998

MILES, Robert. The 1790s: the effulgence of Gothic. In: HOGLE, Jerrold E. **The Cambridge companion to gothic fiction**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2002.

MOERS, Ellen. **Literary women: the great writers**. New York: Oxford University Press, 1977.

PERRY, Donna. A canção de Procne: a tarefa do criticismo literário feminista. In: **Revista Estudos Feministas**. Vol. 1, nº 1. Rio de Janeiro: CIEC, 1993.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Angela M. S. Corrêa – 1 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. Tradução de Mécio Araujo Jorge Honkins. Porto Alegre: L&PM, 2007.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

SILVA, Alexander Meireles da. **Literatura Inglesa para Brasileiros**: curso completo de literatura inglesa para estudantes brasileiros. 2ª edição rev. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda, 2005.

STEIN, Karen F. **Monsters and madwomen: changing female gothic**. In: FLEENOR, Juliann E. **The female gothic**. London: Eden Press, 1983.

SHOWLTER, Elaine. **A literature of their own**: british women novelists from Brontë to Lessing. Princeton: Princeton University press, 1977.

ZOLIN, Lúcia. **Crítica feminista**. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia. (org). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 2 ed. Maringá: Eduem, 2005.